

DIANA MARGARIDA CRISTINA FARINHA

**Razões de os homens permanecerem em relações
heterossexuais violentas: uma revisão sistemática**

Orientadora: Professora Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
2021

DIANA MARGARIDA CRISTINA FARINHA

**Razões de os homens permanecerem em relações
heterossexuais violentas: uma revisão sistemática**

Dissertação defendida em provas públicas na
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no
dia 07/ 06/ 2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho
de Nomeação n.º 173/2021, de 14 de maio, com a seguinte
composição:

Presidente: Prof. Doutor Nélio Brasão

Arguente: Prof. Doutora Marlene Matos (U. Minho)

Orientadora: Prof. Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
2021

Agradecimentos

No fim desta longa jornada não poderia de deixar de agradecer a todos que tornaram possível esta concretização e que contribuíram para a realização desta dissertação.

Um agradecimento especial à Professora Doutora e orientadora, Andreia Machado, por todo o apoio, confiança e sabedoria transmitida durante este percurso. Muito obrigada!

Quero também agradecer à Professora Doutora Laura Alho, por toda a calma, inspiração e por ter afastado os (muitos) pensamentos de desistência que tive. Estarei eternamente grata pelo seu apoio.

Principalmente quero agradecer à minha mãe e ao meu pai pela confiança proporcionada e pelo apoio durante este percurso. À minha irmã que me incentivou e inspirou a persistir perante as adversidades. Muito obrigada!

À Sara que foi o meu porto de abrigo e que me amparou nos momentos mais desafiantes. Sem ti esta etapa não seria concluída. Obrigada por seres uma referência na minha vida.

Aos meus colegas e amigos Carolina, Hélder, Tânia, Neuza e Ana, que foram o melhor que o Mestrado me concedeu. Obrigada por todo o apoio, amizade, felicidade e paciência que tiveram comigo. O meu agradecimento nunca será suficiente dado o que fizeram por mim.

Aos meus amigos Susana, Matheus e Sofia que sempre acreditaram em mim e foram uma fonte de apoio.

Todo o meu sucesso também é vosso pois eu não o obteria sem vocês.

Muito obrigada!

Resumo

A literatura salienta que a violência na intimidade constitui-se como um problema social. Embora esteja patente uma assimetria de género quanto aos estudos sobre vítimas, as estatísticas globais e nacionais apontam um número considerável de homens vítimas de violência na intimidade, em relações heterossexuais. Sendo conhecido o impacto negativo destas experiências de vitimação, desconhecem-se as especificidades relacionadas com a temática. Nesse sentido, a presente revisão sistemática tem como objetivos: 1) Identificar e sistematizar evidência empírica sobre as razões que contribuem para a permanência dos homens vítimas em relações de intimidade heterossexuais violentas; 2) Explorar, avaliar e discutir criticamente os resultados e limitações dos artigos selecionados.

Assim, procedeu-se a uma pesquisa nas seguintes bases de dados: *Web of Science*, *PsycINFO* e *Psychology and Behavioral Sciences Collection*, entre os anos 1970 e 2019. O método utilizado foi o PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis), tendo como equação de pesquisa “battered men OR husband syndrome AND reasons to stay*”.

Os resultados revelaram que as razões de os homens heterossexuais permanecerem nas relações são similares às razões das mulheres heterossexuais e da comunidade LGBT, salientando-se: preocupação com os filhos, com a parentalidade e medo de perder o contacto; comprometimento com a relação e dependência emocional/psicológica. Analogamente, os resultados salientam que existem especificidades relacionadas com o papel masculino na sociedade que impedem o abandono da relação, bem como razões que não são encontradas na literatura referente a outras populações. Concluindo, existe uma evidente necessidade de estudar cientificamente o fenómeno de forma a ser possível desconstruir mitos e estereótipos sociais juntos dos profissionais de primeira linha e sociedade, contribuindo para práticas interventivas e políticas mais adequadas.

Palavras-Chave: violência na intimidade; razões; homens; relações heterossexuais violentas.

Abstract

Literature highlights that intimate partner violence is a social problem. Although there is a gender asymmetry in studies on victims, the global and national statistics point to a considerable number of men who are victims of violence, in heterosexual relationships. As the negative impact of these victimization experiences is known, the specifics related to the theme are unknown. In this sense, this systematic review aims to: 1) identify and systematize empirical evidence about the reasons that contribute to the permanence of men victims of violent heterosexual intimate relationships; 2) Explore, evaluate and critically discuss the results and limitations of the selected articles.

Thus, a systematic review was carried out in the following databases: *Web of Science*, *PsycINFO* and *Psychology and Behavioral Sciences Collection*, during the years 1970 until 2019. The method used was PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta- Analysis), with the research equation “battered men OR husband syndrome AND reasons to stay *”.

The results revealed that the reasons for heterosexual men to remain in relationships are similar to the reasons for heterosexual women and the LGBT community, highlighting: concern for their children, parenting and fear of losing contact; commitment to the relationship and emotional / psychological dependence. Similarly, the results highlight that there are specificities related to the male role in society that prevent the abandonment of the relationship, as well as reasons that are not found in the literature referring to other populations. In conclusion, there is an evident need to study the phenomenon scientifically in order to be able to deconstruct myths and social stereotypes together with first-rate professionals and society, contributing to more appropriate intervention and political practices.

Keywords: intimate partner violence; reasons; men; violent heterosexual relationships

Abreviaturas e Siglas

VI – Violencia na Intimidade

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

PRISMA - *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis*

QATSDD – *Quality Assessment Tool for Studies with Diverse Designs*

RS – Revisão Sistemática

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais

Índice

Enquadramento teórico.....	9
Violência na intimidade	9
Violência contra os homens	10
Razões para permanecer na relação íntima violenta	12
Presente estudo	13
Metodologia.....	14
Fontes de informação e estratégia de pesquisa	14
Critérios de inclusão e de exclusão	15
Codificação dos estudos.....	15
Risco de viés entre os estudos - Codificação da qualidade dos estudos	16
Resultados.....	16
Seleção dos estudos	16
Caraterísticas dos estudos	17
Participantes.	17
Caraterísticas gerais.....	17
Método.	18
Caraterísticas metodológicas.....	18
Risco de viés entre os grupos.....	18
Risco de viés entre estudos	18
Resultados de estudos individuais	19
Razões de permanência na relação.....	19
Diferenças nas razões mencionadas	21
Discussão	24
Sumário das evidências.....	24
Limitações.....	26
Limitações da presente revisão	27
Conclusão.....	27
Referências	29

Índice de Anexos

Apêndice I: Tabela 1. Avaliação da qualidade

Lista de Tabelas e Figuras

Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos

Tabela 1. Características dos estudos empíricos

Tabela 2. Síntese dos resultados estudos empíricos

Tabela 3. Razões para permanecerem na relação, utilizadas para si

Tabela 4. Razões para permanecerem na relação, utilizadas para outros

Enquadramento teórico

Violência na intimidade

A violência na intimidade (VI) tem sido definida como a prática de atos abusivos e/ou danosos contra o (ex-) parceiro romântico do mesmo sexo ou oposto (Capaldi, Knoble, Shortt, & Kim, 2012). Estes podem ser de natureza física, quando envolvem contacto físico (Capaldi, et al., 2012); psicológica, envolvendo humilhação ou isolamento; verbal, atendendo a ameaças ou ofensas (Sullivan, McPartland, Armeli, Jaquier, & Tennen, 2012); e sexual, quando existem comportamentos sexuais não consentidos (APAV, 2019a). Esta temática tem sido alvo de diversos estudos científicos e designada como um problema criminal e de saúde pública (Capaldi et al., 2012).

O estado da arte demonstra que existem diversas teorias (e.g., teoria da intergeracionalidade da violência, teoria do instinto e da frustração-agressão, etc.) que pretendem explicar este fenómeno, no entanto, ainda que não exista consenso na literatura (Capaldi et al., 2012), há duas perspetivas que se destacam: a feminista (Dobash & Dobash, 2004) e a da violência familiar (Hines & Douglas, 2010). A primeira postula que a VI deriva da desigualdade de género, tendo por base ideais de uma sociedade patriarcal apoiante do sexismo e sendo esta a causa da ocorrência da violência (Bates, 2016). Analogamente, aponta o fenómeno como um problema social de vitimação feminina, visto que a perpetração é exclusivamente masculina (Dobash & Dobash, 2004). No entanto, este paradigma não está isento de críticas, ao nível, por exemplo, da análise de dados (Johnson, 2017) e na justificação do uso da violência feminina como legítima defesa, entre outros (McPhail, Busch, Kulkarni, & Rice, 2007).

Contrariamente, a perspetiva da violência familiar defende que a violência na intimidade é uma problemática que envolve ambos os sexos, visto que existem mulheres agressoras e que existe igual probabilidade de perpetrar ou ser vitimizado, independentemente do sexo (Hines & Douglas, 2010). Esta teoria, que se foca nas dinâmicas familiares, possui, igualmente, limitações, como por exemplo, ao nível do instrumento de recolha de dados utilizado (McHugh & Frieze, 2006).

Assim, é verificável que historicamente a violência na intimidade tem sido estudada numa perspetiva de vitimação feminina e perpetração masculina (Ashraf, Abrar-ul-Haq & Ashraf, 2017). Uma possível explicação reside na popularização da perspetiva feminista que influenciou reformas, a criação de programas de combate à problemática e mudanças políticas (Onafuwa, 2011). Durante três décadas, o ativismo resultante da influência feminista associou

a violência na intimidade à vitimação feminina, contribuindo para a invisibilidade da violência contra os homens (Ashraf, Abrar-ul-Haq & Ashraf, 2017).

Atualmente, em muitos países, o estatuto de “vítima” é aplicável a ambos os sexos (Onafuwa, 2011), e para isso, contribuiu a difusão social do fenómeno (através dos *media*), a publicação de artigos e entrevistas científicas, bem como a sensibilização dos profissionais de primeira linha (Machado, 2016). A divulgação da ocorrência de violência contra os homens, bem como a evolução científica da temática demonstrou que a violência exercida não era díspar consoante o sexo (Flynn & Graham, 2010). Ainda assim, é patente a necessidade de estudo da violência contra os homens, uma vez que a maioria dos estudos científicos elaborados retratam uma realidade de violência contra as mulheres (Onafuwa, 2011).

Violência contra os homens

Ao longo das últimas décadas verificou-se que existe um número considerável de homens vítimas e que esse mesmo número é apenas uma amostra do número real (Onafuwa, 2011).

Nos Estados Unidos da América, entre os anos 2003 e 2012, 18% dos homens foram vítimas de violência na intimidade, sendo que 5.8% dos casos apontam para o uso de violência severa (Truman & Morgan, 2014). Da mesma forma, um estudo no Canadá (Dim & Elabor-Idemudia, 2017) indica que 10,1% (879) dos participantes masculinos são vítimas de violência psicológica, praticada pelas parceiras. Os comportamentos violentos mais comuns associam-se a ciúmes (4,2%), controlo das atividades diárias (4,6%) e mau trato verbal (2,7%).

Relativamente aos dados europeus, um estudo realizado em seis países europeus revelou que entre 48.8% (Portugal) e 71.8% (Grécia) dos homens são alvo de violência psicológica, da pessoa com quem mantém uma relação amorosa (Costa, Soares, Lindert, Hatzidimitriadou, Sundin, Toth, Ioannidi-Kapolo & Barros, 2015). Segundo a *ManKind Initiative* (Brooks, 2018), 13.2% (o equivalente a 2.2 milhões) dos homens no Reino Unido referiram ter sofrido violência num contexto de relação amorosa, em algum momento da sua vida, desde os 16 anos. Os dados sugerem que a cada três vítimas de violência na intimidade, uma é um homem; 0.5% referem ter sofrido comportamentos de perseguição; 1.2 % admite ter sofrido violência física; 2.4% adianta que sofreu de violência sexual por uma parceira e 13% dos homens vítima sugerem que sofreram de três ou mais comportamentos violentos, sendo que 1% já sofreu de mais de cinquenta comportamentos violentos da parceira (Brooks, 2018).

Em Portugal, de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2018, 21,4% (6,850) das vítimas de violência doméstica, registadas no sistema, eram homens e 16,5%

(5.116) dos agressores eram mulheres. Estes dados podem ser influenciados pela evidência científica que refere a ausência de exposição de um número considerável de homens vítimas (McCarrick, Davis-McCabe, & Hirst-Winthrop, 2015). Por sua vez, as estatísticas da APAV (2019b) referem que, entre 2013 e 2018, 1746 homens vítimas de violência doméstica, em relações heterossexuais, recorreu aos atendimentos da instituição. A mesma constituiu o seguinte perfil dos utentes: idade média de 37 anos, maioritariamente casado (38%), empregado (45%) e com o ensino superior (13%), com família nuclear com filhos/as (36%) e cuja agressora era cônjuge (39,1%) (APAV, 2018).

Os comportamentos de violência na intimidade associam-se a impacto físico e psicológico nas vítimas masculinas, a curto e a longo prazo (McCarrick et al., 2015). Ao nível da saúde física, os homens relatam diferenças na imagem corporal, danos físicos resultantes das agressões e perceção da saúde, em geral, como pior (Stockman, Hayashi, & Campbell, 2015). Relativamente à saúde mental, o impacto da vitimação associa-se a sentimentos de vergonha e culpa, baixa autoestima, perturbações do sono, pensamentos depressivos, isolamento social, dissociação, perturbações cognitivas e de ansiedade, ideação suicida, fobias, perturbação pós-traumática de stress (McCarrick et al., 2015) e consequências para os filhos (Berger, Douglas, & Hines, 2016).

A par do impacto da vitimação, os homens apresentam algumas especificidades na forma como vivenciam esta experiência, a saber, a masculinização, perceção social e a resistência institucional (Bates, 2019; McCarrick et al., 2015). O primeiro remonta às normas tradicionais masculinas e patriarcais, segundo as quais o homem tem poder, é emocionalmente estável e é capaz de solucionar os seus problemas sem auxílio (McCarrick et al., 2015). A procura de ajuda externa pode ser percecionada como uma afronta a este ideal masculino ou a uma perda de posição social (Hogan, 2016; McCarrick et al., 2015). Por sua vez, a perceção social possui influência na medida que a sociedade tende a percecionar a violência contra o homem como menos grave do que a vitimação feminina (Eckstein, 2010). Por último, a resistência institucional relativamente a esta problemática traduz-se num tratamento diferencial e vitimação secundária através da ridicularização, atribuição de respostas negativas, ausência de prestação de apoio e acusação de agressão, devido à forma corporal associada ao género (Brodgen & Nijhar, 2004; Hogan, 2016).

Razões para permanecer na relação íntima violenta

As razões para os indivíduos permanecerem em relações em que são vítimas de violência tem vindo a ser alvo de estudo científico, com incidência em amostras femininas (Estrellado & Loh, 2013). Relativamente a mulheres em relações heterossexuais, têm sido apresentadas diversas explicações para a manutenção da relação (Lindgren & Renck, 2008). O medo tem sido apontado como uma das principais razões albergando especificidades, tais como, sensações de inquietude, oscilação da emoção consoante o ciclo da violência, esperança de alteração comportamental, receio das atitudes do companheiro, temor pela própria segurança e possibilidade de morte, bem como, sentimentos de culpa e vergonha (Estrellado & Loh, 2013). Por outro lado, a segurança dos filhos é apresentada como uma razão considerável pelas mesmas (Meyer, 2012). Analogamente, a dependência financeira (Meyer, 2012), o baixo nível de autoestima e a falta de *locus* de controlo são apontados como razões de permanência (Kim & Gray, 2008). Por fim, a internalização da violência como normal é igualmente indicada pela comunidade científica (Lindgren & Renck, 2008).

Segundo Cruz (2003), os indivíduos que se encontram em relações homossexuais apresentam razões semelhantes para a permanência em relações violentas: o medo, dependência financeira, existência de filhos em comum e esperança de que a conduta do/a agressor/a altere. No entanto, a literatura indica que existem particularidades relacionadas com a orientação sexual (Edwards, Sylaska, & Neal, 2015). Primeiramente, apresenta a ameaça de *outing*, que consiste na revelação da orientação sexual da vítima aos familiares, amigos ou colegas (Edwards et al., 2015). Analogamente, sugere que o isolamento social inerente à orientação sexual pode interferir, na medida que segundo a percepção das vítimas, pode condicionar o apoio legal prestado (Edwards et al., 2015).

Relativamente aos homens vítimas de violência na intimidade, em relações heterossexuais, a literatura refere que as razões de permanência são semelhantes às das mulheres: dinâmica inerente ao ciclo da violência, esperança de mudança, receio de perder o contacto com os filhos (Lien & Lorentzen, 2019), dependência financeira e psicológica, bem como, medo de repercussões (Pagelow, 1983). Também são indicadas razões adicionais, tais como: consumo de substâncias nocivas e receio de exposição (Andrasik, Valentine, & Pantalone, 2013; Hogan, 2016), possuírem doença mental e não reconhecerem os comportamentos da parceira como violência (Foong, 2007; Lien & Lorentzen, 2019). No entanto, a informação acerca desta população é pouco consistente (Eckstein, 2010).

Presente estudo

O estudo desta temática permite clarificar as informações e especificidades relativas às experiências de vitimação masculina. O estado da arte é caracterizado por um acentuado debate científico e inexistência de consenso quanto às conclusões associadas à violência exercida contra os homens, em relações heterossexuais (Donato & Donato, 2019). Analogamente, os números de vitimação relatados, bem como o conhecimento de existência de cifras negras, remontam para uma necessidade de compreender o fenómeno visto que o género pode constituir-se um moderador dos riscos inerentes à violência na intimidade. Da mesma forma, só será possível uma visão compreensiva do fenómeno se as suas especificidades forem conhecidas e apresentadas propostas de intervenção relativamente às mesmas (Capaldi et al., 2012).

Por outro lado, denota-se uma disparidade quanto ao número de estudos realizados, culminando numa assimetria de género (Bates, 2016). Da mesma forma, as perspetivas psicológicas e sociológicas explicativas da violência doméstica foram elaboradas com base na vitimação de mulheres, ignorando as características específicas dos homens vítimas. Assim é notável a necessidade do complemento destas teorias com evidência científica, para adequação à realidade masculina (Lien & Lorentzen, 2019).

Em suma, a implicação prática decorrente do estudo da temática abrange a adequação das teorias psicológicas da violência na intimidade à realidade masculina, permitindo a compreensão do fenómeno (Bates, 2019). Dado que as teorias que servem de base às intervenções baseiam-se em experiências de vitimação femininas, é pertinente salientar que os desafios dos homens possuem especificidades que devem ser tidas em conta, nos processos de acompanhamento psicológico (Lien & Lorentzen, 2019). Sendo patente a falta de evidência científica (Carmo, Grams & Magalhães, 2011), a inexistência de programas de intervenção para homens (Bates, 2019) e a falta de formação dos profissionais de primeira linha, não estando estes consciencializados para as especificidades do fenómeno (Lien & Lorentzen, 2019), as conclusões retiradas deste projeto poderão contribuir para a colmatação destes défices.

A recolha, apresentação e reflexão acerca da informação existente sobre as razões de os homens permanecerem em relações heterossexuais violentas constitui-se como uma contribuição científica relevante por apresentar informação relativa a uma especificidade da violência na intimidade contra os homens. Uma vez que estas especificidades não estão a ser atendidas, os planos interventivos existentes não se adequam totalmente às experiências de vitimação masculina. Num panorama científico fundamentado por experiências de vitimação

feminina, este estudo contribui com a divulgação de evidência científica sobre a vitimação masculina, através de amostras masculinas e respostas isentas de influência da literatura feminista.

A informação sobre as razões de permanência é essencial para a adequação das abordagens presenciais, necessitando de técnicas de atendimento específicas, que deverão estar enunciadas em manuais e guiões formativos para estes profissionais. Da mesma forma, não se verificam protocolos de intervenção primária e secundária para a vitimação masculina. Duas das implicações práticas são exatamente essas: a possibilidade de fornecer informação científica pertinente, que evidencie a necessidade de consideração das especificidades ou, até mesmo, alterar planos interventivos e preventivos junto desta população; e a divulgação de informação que permita a consciencialização da problemática na sociedade, demonstrando que é analogamente negativa à vitimação feminina.

Assim, a presente revisão sistemática pretende dar resposta à seguinte questão de investigação: “Quais são as razões que contribuem para a permanência das vítimas adultas do sexo masculino em relações heterossexuais violentas?”. Os objetivos primordiais são: 1) Identificar e sistematizar evidência empírica sobre as razões que contribuem para a permanência dos homens vítimas em relações de intimidade heterossexuais violentas; 2) Explorar, avaliar e discutir criticamente os resultados e limitações dos artigos selecionados.

Metodologia

Fontes de informação e estratégia de pesquisa

A presente revisão sistemática foi realizada de acordo com o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis* (PRISMA). Este consiste num modelo constituído por uma *checklist* de 27 itens e por um fluxograma, dividido em quatro etapas de pesquisa, que pretende organizar e melhorar o processo de escolha de artigos e análise dos mesmos (Galvão et al., 2015). O PRISMA foi o método escolhido visto que tem demonstrado ser um objeto útil de avaliação crítica de artigos e porque é reconhecido mundialmente como um método viável na comunidade científica (Galvão et al., 2015).

De forma a analisar o conhecimento científico, metodologias e resultados decorrentes do estudo da temática, foi realizado um levantamento da literatura científica de outubro de 2019 a 12 de dezembro de 2019. A pesquisa eletrónica foi realizada em três bases de dados, entre os anos de 1970 e 2019: *Web of Science* (1970-2019), *PsycINFO* (1970-2019) e *Psychology and Behavioral Sciences Collection* (1970-2019). Esta foi realizada primeiramente por uma autora, e posteriormente replicada pela co-autora. Os estudos foram

identificados através da seguinte equação de pesquisa: “battered men OR husband syndrome AND reasons to stay*”. Adicionalmente foi realizada uma pesquisa manual nas listagens das referências de artigos relevantes para a temática. Esta pesquisa restringiu-se a artigos publicados no idioma inglês.

Após a exclusão de duplicados, as autoras analisaram, individualmente, os títulos e resumos dos artigos, para averiguar possíveis referências relevantes. Os artigos cujos títulos e/ou resumos não contemplavam o tema deste projeto e/ou não respeitassem os critérios de inclusão foram excluídos.

Contrariamente, os artigos que demonstrassem relevância foram avaliados na sua forma integral. A análise foi executada pelas duas autoras, de forma independente, e a inclusão dos artigos foi determinada pelos critérios de inclusão e verificação de informação pertinente sobre a temática. A taxa de concordância entre as autoras foi de 99.8%.

Critérios de inclusão e de exclusão

A seleção dos estudos considerou os seguintes critérios de inclusão: (1) ser um estudo empírico sobre a temática; (2) ter sido analisado por pares, para garantir a sua cientificidade; (3) a amostra, podendo ser mista, tem de conter homens vítimas com idades compreendidas entre 18 e 64 anos (sendo a faixa etária correspondente à adulta); (4) a violência na intimidade ter ocorrido numa relação heterossexual. No caso de existência de dois estudos com as mesmas amostras, mas resultados e metodologias díspares, ambos foram considerados para inclusão.

Analogamente, foram definidos os seguintes critérios de exclusão para a remoção de artigos de análise da presente revisão sistemática: (1) o artigo estar redigido em um idioma que não inglês; (2) os resultados não abordarem as razões de permanência nas relações violentas; (3) o artigo não ter sido redigido entre 1970 e 2019; (4) ser uma revisão sistemática; (5) os participantes serem crianças, adolescentes ou idosos; (6) serem artigos não analisados por pares, ou seja, publicados em livros, dissertações ou revistas científicas sem revisão prévia à publicação. O desenho do estudo e número da amostra não influenciaram a inclusão ou exclusão dos artigos científicos.

Codificação dos estudos

Seguidamente à seleção dos artigos e verificação dos critérios de inclusão e exclusão, os artigos selecionados foram codificados, de acordo com os seguintes critérios: título do estudo, nome dos autor/es, ano de publicação, país onde foi realizado, tamanho amostral, sexo e média de idades dos participantes, design, medidas de *outcome* e resultados.

Risco de viés entre os estudos - Codificação da qualidade dos estudos

Os artigos selecionados foram alvo de uma avaliação referente à sua qualidade metodológica. A medida utilizada foi a *Quality Assessment Tool for Studies with Diverse Designs* (QATSDD) (Sirriyeh, Lawton, Gardner & Armitage, 2011). Esta escala de 16 itens, possui os seguintes critérios, para a correspondência com os mesmos: presente (0), muito brevemente (1), moderadamente (2) e totalmente (3). Por esta razão a qualidade metodológica de cada artigo varia entre 0 e 3.

Os itens considerados são os seguintes: (1) Quadro teórico explícito; (2) Exposição de objetivos no corpo principal do relatório; (3) Descrição clara do *setting* de pesquisa; (4) Evidência da consideração do tamanho da amostra; (5) Amostra representativa da população alvo; (6) Descrição do procedimento de recolha de dados; (7) Fundamentação da escolha de instrumentos de recolha de dados; (8) Informação detalhada sobre a recolha de dados; (9) Avaliação estatística de validade e fiabilidade dos instrumentos (apenas estudos quantitativos); (10) Concordância entre a pergunta de pesquisa e o método de recolha de dados (apenas estudos quantitativos); (11) Concordância entre a questão de investigação e o formato e conteúdo do instrumento de recolha de dados e.g. guião de entrevista (apenas estudos qualitativos); (12) Concordância entre a questão de investigação e o método de análise; (13) Justificação da seleção do método analítico; (14) Avaliação da confiabilidade do processo analítico (apenas estudos qualitativos); (15) Evidência do envolvimento no design; (16) Forças e limitações discutidas criticamente.

Resultados

Seleção dos estudos

Através da pesquisa nas bases de dados e em outras fontes, foram identificados 1205 artigos. Após a eliminação dos registos duplicados, foram revistos 1031 artigos. Seguidamente foi elaborada uma triagem dos títulos, e posteriormente dos resumos, com o objetivo de eliminar artigos que não correspondessem aos critérios de inclusão. Este processo excluiu 1023 artigos, sendo que 4 eram direcionados para uma população díspar da pretendida, e os restantes não abordavam o tema da presente revisão. Posteriormente, foi aferida a elegibilidade de 8 artigos, na sua forma integral. Apenas 6 artigos cumpriram os critérios de inclusão e foram integrados na revisão sistemática. O processo da pesquisa, bem como da inclusão e exclusão de artigos, encontra-se ilustrado na Figura 1.

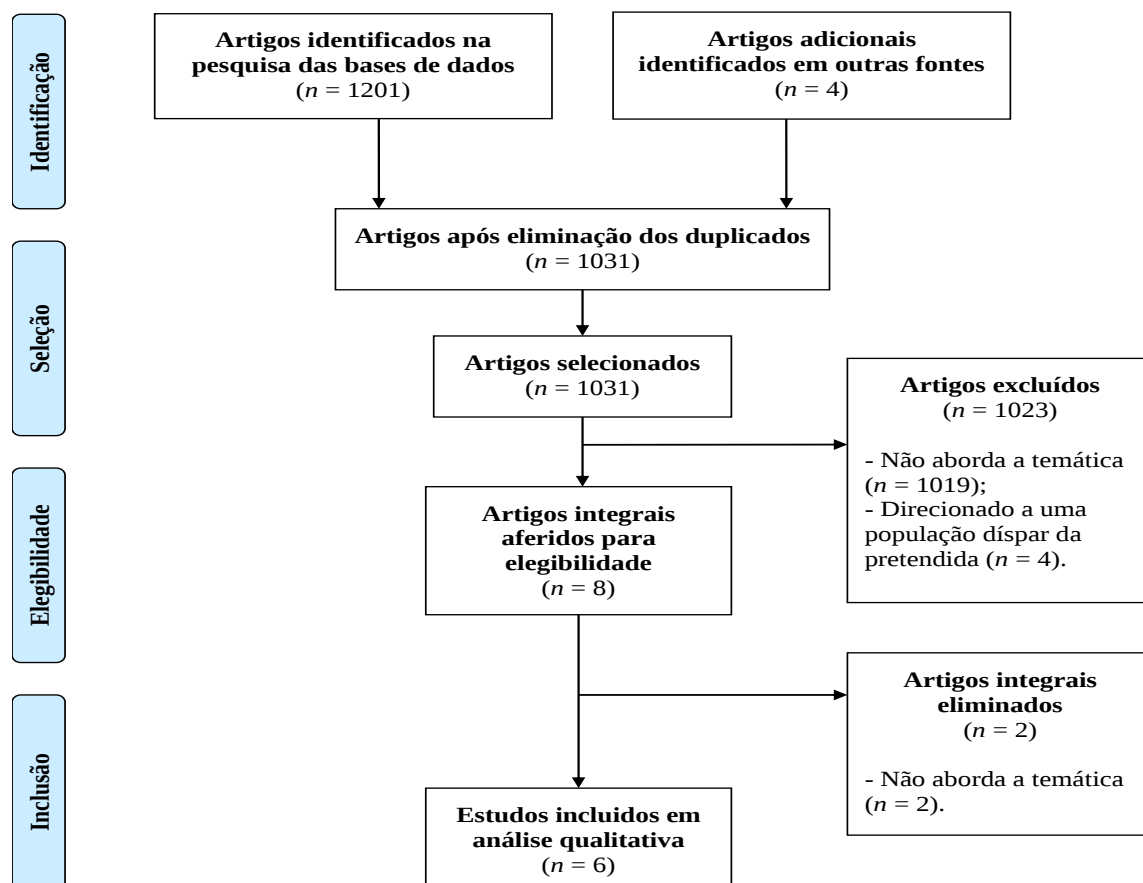


Figura 1. Fluxograma da seleção dos estudos

Caraterísticas dos estudos

As informações referentes às caraterísticas dos estudos enunciados encontram-se expostas na Tabela 1.

Participantes. Os participantes correspondem a homens adultos em relações heterossexuais violentas. Os estudos incluídos envolvem 1093 participantes, sendo que o tamanho amostral varia entre 12 e 345. A média de idades, de todos os estudos, é de 38 anos, sendo que as idades variam entre 18 e 74 anos. As amostras foram recolhidas através do preenchimento de questionários *online* e de entrevistas presenciais.

Caraterísticas gerais. Embora a maioria dos estudos possua uma amostra exclusivamente masculina, dois estudos recorreram a amostras mistas. Relativamente aos objetivos dos mesmos, todos os estudos empíricos abordam a vitimação masculina em relações heterossexuais violentas. Além de abordarem dados sobre os tipos, frequência e consequências psicológicas da violência para os participantes, focam a sua contribuição na informação respeitante às razões para permanecerem na relação. Além disso, dois estudos avaliam as disparidades entre as razões que as vítimas afirmam para si e a que referem a terceiros.

Método. Os estudos selecionados foram redigidos em inglês e publicados entre 2002 e 2019. Destes, três foram elaborados segundo uma metodologia quantitativa e dois segundo uma metodologia qualitativa. Apenas um dos estudos adotou uma metodologia mista. Relativamente aos países onde foram desenvolvidos, cinco estudos foram desenvolvidos nos Estados Unidos da América e um em Portugal.

Caraterísticas metodológicas. Os estudos empíricos com metodologia qualitativa utilizaram a análise temática para analisar os seus dados. Os restantes estudos utilizaram instrumentos psicométricos e escalas modificadas, nomeadamente o *Revised Conflict Tactics Scales* (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996), *Revised Conflict Tactics Scales* (adaptado por Paiva & Figueiredo, 2006); e *Victimization Against Men in Intimacy Survey* (Machado & Matos, 2012). Por último, dois estudos foram executados com escalas compostas pelas autoras, com base na literatura.

Risco de viés entre os grupos

A maioria das amostras são de conveniência. No entanto, a maioria dos estudos fornece informação sobre os participantes eliminados. Relativamente ao tamanho da amostra, não foi possível aferir se existia significância estatística ou saturação teórica, dado que não foram fornecidas informações específicas, nos estudos.

Da mesma forma, apenas os estudos mistos dividiram os participantes por sexo, embora heterogeneamente. Os restantes estudos não dividiram os sujeitos por grupos.

Atendendo ao processo de recolha de dados, este foi maioritariamente executado de forma *online*. Por sua vez, a administração foi realizada por profissionais de saúde mental ou pelo preenchimento de um questionário por via *online*, pelo próprio participante.

Risco de viés entre estudos

Tal como foi referido anteriormente, foi elaborada uma avaliação da qualidade dos estudos (Anexo 1). A utilização da QATSDD permitiu aferir que os estudos possuem uma média de qualidade de 71%. Segundo a tabela 2, podemos verificar que as pontuações variaram entre 52% (Migliaccio, 2002) e 83% (Machado, Hines, & Matos, 2018). As pontuações refletem o cumprimento dos critérios e a informação científica exposta nos devidos artigos. Por último, de forma a garantir a equitatividade dos resultados, estes foram analisados e calculados consoante o número de itens considerados.

Tabela 1. Características dos estudos empíricos

Título/Autor/Ano/País	N/ Média de idades	Objetivo/s	Design	Medidas de outcome	Avaliação da qualidade (QATSDD)
<i>“Reasons for Staying in Intimately Violent Relationships: Comparisons of Men and Women and Messages Communicated to Self and Others”</i> (Eckstein, 2010) (E.U.A)	N= 345 (M=106, F=239) M (idade) = 42.12	Verificar se as razões para permanecer em relações violentas, derivam quanto ao sexo e/ou fonte pretendida da mensagem.	Análise qualitativa	Análise temática	62%
<i>“‘I’m Strong for Her’ versus ‘I Rely on Him’: male and female victims’ reasons for staying reflect sex-gender conflation”</i> (Eckstein, 2019) (E.U.A)	N= 345 (M=156, F=331) M (idade) = 36.78	Contribuir para a pesquisa baseada na influência do género, quanto à comunicação.	Análise quantitativa	Escala de 26 itens criada pela autora	76%
<i>A Closer Look at Men Who Sustain Intimate Terrorism by Women</i> (Hines & Douglas, 2010) (E.U.A)	N= 302 (homens); M (idade) = 40.49	Analisar a identidade dos homens vítimas, tipos e frequência de abusos, o seu estado mental e as razões para permanecerem nas relações.	Análise quantitativa e qualitativa	CTS2 (1996); Análise temática	75%
<i>& Overlooked Victims of Domestic Violence: Men</i> (Hines, 2015) (E.U.A)			Análise quantitativa	Escala criada pela autora	79%
<i>Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men</i> (Machado et al., 2018) (Portugal)	N= 89 (homens); M (idade) = 33.62	Analisar a prevalência e tipos de violência na intimidade, bem como o papel do homem.	Estudo exploratório, com metodologia quantitativa	RCTS (2006); VAMIS (2012)	83%
<i>Abused Husbands: A Narrative Analysis</i> (Migliaccio, 2002) (E.U.A)	N = 12 (homens) M (idades) = 34.67	Avaliar as similaridades e disparidades da experiência de vitimação feminina e masculina	Análise qualitativa	Análise temática	52%

Resultados de estudos individuais

Razões de permanência na relação. Quatro estudos avaliaram as razões de permanência na relação, de forma individualizada. Nos estudos de Hines e Douglas (2010) e Hines (2015), foram aferidas as principais razões para permanecerem nas relações, sendo estas: a preocupação com os filhos (88.9%), a crença de que o casamento é para toda a vida (80.5%), o amor (71.3%), o medo de não voltar a ver os filhos (67.5%) e crença na mudança da parceira (55.6%).

Por outro lado, no estudo de Machado, Hines e Matos (2018) salientam-se: a preocupação com o bem-estar dos filhos (.85), a dependência emocional (.84), o medo de que

as pessoas não acreditem na história (.84), o medo de represálias ou retaliações para com terceiros (.82) e a pressão da família (.74).

Tabela 2. Síntese dos resultados estudos empíricos

Título/Autor/Ano/País	Resultados	Resultados adicionais
<i>A Closer Look at Men Who Sustain Intimate Terrorism by Women</i> (Hines & Douglas, 2010) (E.U.A) & <i>Overlooked Victims of Domestic Violence: Men</i> (Hines, 2015) (E.U.A)	As principais razões para permanecerem na relação foram o comprometimento com o casamento e a preocupação com os filhos.	Razões de permanência na relação: ✓ Preocupação com os filhos (88.9%); ✓ Crença de que o casamento é “para a vida” (80.5%); ✓ Amor (71.3%); ✓ Medo de não voltar a ver os filhos (67.5%); ✓ Crença na mudança da parceira (55.6%); ✓ Não possuir dinheiro suficiente (52.8%); ✓ Não ter para onde ir (52.2%); ✓ Vergonha que descubram que foi vítima (52.2%); ✓ Não querer separar os filhos da parceira (46%); ✓ A parceira ameaça cometer o suicídio se ele a deixar (27.5%); ✓ Medo de que a parceira o assassine ou a alguém de quem gosta (24.2%).
<i>Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men</i> (Machado, Hines & Matos, 2018) (Portugal)	As razões para permanecerem na relação mais enunciadas foram: o comprometimento com a relação, a crença na estabilidade familiar e vulnerabilidades pessoais.	Razões de permanência na relação: - Fator 1: vulnerabilidades (32.58% variância explicada): ✓ Medo de que as pessoas não acreditem na história (.84); ✓ Medo de represálias ou retaliações para com terceiros (.82); ✓ Pressão da família (.74); ✓ Falta de apoio de família e/ou amigos (.73); ✓ Medo da parceira (.73); ✓ Falta de apoio das instituições (.72); ✓ Vergonha (.68); ✓ Dependência económica (.60); ✓ Baixa autoestima (.58); ✓ Ameaça de suicídio da parceira (.31). - Fator 2: Comprometimento com a relação (13.37% variância explicada): ✓ Dependência emocional (.84); ✓ Culpa (.69); ✓ Amor (.68); ✓ Esperança que a parceira mude (.57); ✓ Falha em reconhecer episódios como abusivos (.44). - Fator 3: Crenças sobre a importância da família (9.30% variância explicada): ✓ Preocupação com o bem-estar dos filhos (.85); ✓ Desenho em manter a vida familiar (.68); ✓ Medo de não voltar a ver os filhos (.67); ✓ Crença de que o casamento é “para a vida” (.59); ✓ Doença da parceira (.45).

<i>Abused Husbands: A Narrative Analysis</i> (Migliaccio, 2002) (E.U.A)	• As razões para permanecerem na relação são concordantes com a literatura sobre o sexo feminino e com a Teoria do Poder Interpessoal.	Razões para permanecerem na relação: ✓ Culpa (N=6); ✓ Preocupação com os filhos e medo de perder o contacto (N=6); ✓ Crença na mudança (N=6); ✓ Ameaça de suicídio (N=6); ✓ Dependência financeira (N=5); ✓ Crença de que o casamento é “para a vida” (N=4); ✓ Baixa autoestima (N=3); ✓ Ajuda externa (N=3); ✓ Isolamento (N=2); ✓ Não reconhecer a violência (N=1); ✓ Normalização da dinâmica violenta (N=1); Relativamente à última razão, o autor aponta a influência da religião.
---	--	---

Por fim, no estudo de Migliaccio (2002), as razões mais referidas foram: a culpa (n = 6), a preocupação com os filhos e medo de perder o contacto com estes (N=6), a crença na mudança (N=6), a ameaça de suicídio da parceira e dependência financeira (N=5).

Diferenças nas razões mencionadas. Apenas dois estudos apresentam dados sobre as razões de permanência na relação que os homens afirmam para si mesmos e as razões que afirmam para terceiros. O estudo de Eckstein (2010) comparou as razões mencionadas, entre os sexos, aferindo que os homens apenas apresentam disparidades quanto à necessidade de manter uma imagem de força pessoal, à proteção da agressora e à manutenção da necessidade de parentalidade tradicional. Relativamente às razões comunicadas para si mesmos, apresentam como razões principais: a crença de que os filhos necessitam de ambos os pais (86.8%), o sentimento de fracasso se abandonasse a relação (73.6%), a crença de que o casamento é para a vida (66.2%), a crença de que tem de ser o elemento forte da relação (64.2%) e o receio de ser percecionado como fraco (61.3%). Por sua vez, nas razões referidas a terceiros, salientam-se as crenças da necessidade de ambos os pais (52.6%) e de um casamento “para a vida” (27.8%). No entanto evidenciam, igualmente, a crença de que têm de ser o elemento forte da relação (23.6%), a desculpabilização da agressora (22.6%) e o medo do que a parceira fizesse após o abandono (21.7%).

Atendendo ao estudo de Eckstein (2019), as razões foram comparadas quanto ao género e os resultados demonstraram diferenças significativas apenas nas mensagens internalizantes. Quanto às razões mencionadas para si mesmo, salientam-se: comprometimento com a relação (85.9%), a esperança na mudança comportamental da agressora (85.3%), a crença de que todas as relações têm problemas (78.2%), o amor (76.9%) e a tentativa mútua de alteração comportamental (73.1%). Por sua vez, nas razões externalizadas, evidencia-se predominância no: amor (56.4%), na esperança de mudança

comportamental da parceira (53.2%), na tentativa mútua de alteração (50.0%), no comprometimento com a relação (49.4%) e na crença de que todas as relações têm problemas (45.5%).

Tabela 3. Razões para permanecerem na relação, utilizadas para si

Título/Autor/Ano/País	Resultados	Resultados adicionais
<i>“Reasons for Staying in Intimately Violent Relationships: Comparisons of Men and Women and Messages Communicated to Self and Others”</i> (Eckstein, 2010) (E.U.A)	Os homens diferem das mulheres apenas em 3 razões: manter uma imagem de força pessoal; proteção da agressora; manutenção da necessidade de parentalidade tradicional.	Razões para permanecerem na relação, utilizadas para si: ✓ Crença de que os filhos precisam de ambos os pais (86.8%); ✓ Sentir que seria um “fracasso” se abandonasse a relação (73.6%); ✓ Crença de que o casamento é “para a vida” (66.2%); ✓ Crença de que tem de ser o elemento forte da relação (64.2%); ✓ Receio de ser perçecionado como fraco (61.3%); ✓ Vergonha de que alguém descobrisse (60.4%); ✓ Não ter ajuda (59.6%); ✓ Medo do que a parceira fizesse após o abandono (56.6%); ✓ Crença de ter de ficar para salvar a parceira (55.7%); ✓ Culpabilização do abuso (48.1%); ✓ Religião (47.7%); ✓ Não ter para onde ir (44.3%); ✓ Desculpabilizar a agressora (39.6%); ✓ Crença de ter de ficar para proteger a parceira (34.9%).
<i>“‘I’m Strong for Her’ versus ‘I Rely on Him’: male and female victims’ reasons for staying reflect sex-gender conflation”</i> (Eckstein, 2019) (E.U.A)	- As razões mais enunciadas foram relacionadas com o <i>self</i>, sendo estas: “acreditar que o abusador pode mudar; as coisas podem melhorar”, “todas as razões têm problemas ocasionalmente” e “amor pelo parceiro”; - Foram encontradas diferenças significativas quanto ao género, relativamente a mensagens internalizantes, mas o mesmo não se verificou em mensagens externalizadas.	- Esperança – Normas (95.5%): ✓ Esperança na mudança comportamental (85.3%); ✓ Crença de que todas as relações têm problemas (78.2%); ✓ Tentativa mútua de alteração (73.1%); - Comprometimento (86.5%): ✓ Comprometimento com a relação (85.9%); ✓ Não querer recuar com as promessas (71.2%); - Relação como identidade (85.3%): ✓ Crença de que seria um fracasso se abandonasse a relação (66.7%); ✓ Preferir estar com a parceira do que sozinho (59.0%); ✓ Crença de que mais ninguém o vai querer (42.3%); ✓ Depender da parceira (37.8%); - Força (80.8%): ✓ Ter de ser o elemento forte da relação (68.6%); ✓ Não querer ser perçecionado como fraco (50.0%); - Amor (76.9%); - Recursos (66.7%): ✓ Não ter ajuda (55.8%); ✓ Não ter para onde ir (41.7%); ✓ Não ter independência financeira (36.5%); - Estigma (60.9%): ✓ Vergonha de alguém saber (57.7%); ✓ Vergonha de alguém descobrir (42.9%); - Desculpas (56.4%): ✓ O parceiro não pode evitar; foi criado assim (53.2%); ✓ A culpa não foi da parceira (30.1%); - Sacrifício (51.9%):

	✓ Ter de ficar para salvar a parceira (50.0%); ✓ Ter de ficar para proteger a parceira (32.7%);
	- Culpabilidade (51.3%):
	✓ Sentir que causou o abuso (48.1%); ✓ Sentir que tem culpa do abuso (39.1%);
	- Medo (50.6%):
	✓ Medo do que fará (40.4%); ✓ Medo do que fará ao mesmo (37.2%); ✓ Crença de que será assassinado (9.6%).

Tabela 4. Razões para permanecerem na relação, utilizadas para outros

Título/Autor/Ano/País	Resultados adicionais
<i>"Reasons for Staying in Intimately Violent Relationships: Comparisons of Men and Women and Messages Communicated to Self and Others"</i> (Eckstein, 2010) (E.U.A)	✓ Crença de que os filhos precisam de ambos os pais (52.6%); ✓ Crença de que o casamento é "para a vida" (27.8%); ✓ Crença de que tem de ser o elemento forte da relação (23.6%); ✓ Desculpabilizar a agressora (22.6%); ✓ Medo do que a parceira fizesse após o abandono (21.7%); ✓ Crença de ter de ficar para salvar a parceira (17%); ✓ Não ter para onde ir (16%); ✓ Culpabilização do abuso (14.2%); ✓ Religião (13.6%); ✓ Sentir que seria um "fracasso" se abandonasse a relação (12.3%); ✓ Não ter ajuda (12.3%); ✓ Vergonha de que alguém descobrisse (9.4%); ✓ Crença de ter de ficar para proteger a parceira (9.4%); ✓ Receio de ser perçecionado como fraco (6.6%).
<i>"'I'm Strong for Her' versus 'I Rely on Him': male and female victims' reasons for staying reflect sex-gender conflatons"</i> (Eckstein, 2019) (E.U.A)	- Esperança – Normas (68.6%): ✓ Esperança de mudança comportamental (53.2%); ✓ Tentativa mútua de alteração (50.0%); ✓ Crença de que todas as relações têm problemas (45.5%); - Amor (56.4%); - Comprometimento (51.3%): ✓ Comprometeu-se com a relação (49.4%); ✓ Não querer recuar com as promessas (34.6%); - Força (34.6%): ✓ Ter de ser o elemento forte da relação (31.4%); ✓ Não querer ser perçecionado como fraco (9.6%); - Desculpas (32.1%): ✓ O parceiro não pode evitar; foi criado assim (28.2%); ✓ A culpa não foi da parceira (13.5%); - Relação como identidade (30.1%): ✓ Crença de que seria um fracasso se abandonasse a relação (16.7%); ✓ Depender da parceira (13.5%); ✓ Preferir estar com a parceira do que sozinho (11.5%); ✓ Crença de que mais ninguém o vai querer (5.8%); - Medo (25.0%): ✓ Medo do que fará (17.9%); ✓ Medo do que fará ao mesmo (14.7%); ✓ Crença de que será assassinado (3.2%); - Recursos (18.6%): ✓ Não ter ajuda (12.2%); ✓ Não ter independência financeira (8.3%); ✓ Não ter para onde ir (7.7%); - Sacrifício (18.6%): ✓ Ter de ficar para salvar a parceira (14.7%);

-
- ✓ Ter de ficar para proteger a parceira (12.2%);
 - Culpabilidade (14.7%):
 - ✓ Sentir que causou o abuso (9.0%);
 - ✓ Sentir que tem culpa do abuso (9.0%);
 - Estigma (12.8%):
 - ✓ Vergonha de alguém saber (10.9%);
 - ✓ Vergonha de alguém descobrir (7.1%).
-

Discussão

Sumário das evidências

A presente revisão sistemática (RS) pretendeu responder à questão de investigação: “Quais são as razões que contribuem para a permanência das vítimas adultas do sexo masculino em relações heterossexuais violentas?”. Para tal, compreendeu dois objetivos. O primeiro pretendeu identificar e sintetizar evidência empírica sobre as razões de permanência dos homens vítimas de VI, em relações heterossexuais. Por último, o segundo objetivo atendeu à análise e discussão crítica dos resultados e limitações dos artigos incluídos na RS.

Relativamente à amostra, os participantes eram residentes dos E.U.A e de Portugal, que maioritariamente já tinham abandonado as relações violentas, sendo que a recolha de dados foi primordialmente por via *online*. Os resultados apresentados pelos diferentes estudos demonstram, maioritariamente, concordância com as informações apresentadas pelo estado da arte (Lien & Lorentzen, 2019). As razões para permanecerem na relação são semelhantes às apresentadas noutros estudos (e.g., Lien & Lorentzen, 2019), e correspondem aos estereótipos e normas tradicionais masculinas, que contribuem para a invisibilidade da temática (McCarrick et al., 2015).

De acordo com os estudos selecionados, algumas das principais razões de os homens permanecerem na relação relacionam-se com a parentalidade, através da preocupação com os filhos e com o medo de perder o contacto com estes. Estes resultados são concordantes com a literatura sobre o sexo masculino (Lien & Lorentzen, 2019), feminino (Meyer, 2012) e da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) (Cruz, 2003). Seguidamente, as razões mais apresentadas associam-se a comprometimento com a relação (e.g. crença de que o casamento é para a vida), bem como a dependência emocional/psicológica (e.g., amor e crença de mudança comportamental). Analogamente, a dependência financeira e o medo de represálias são enunciados. Estes resultados são concordantes com o estado da arte, independentemente do género, bem como com as dinâmicas inerentes as relações violentas (Lien & Lorentzen, 2019; Meyer, 2012). Por último, são apresentadas razões inovadoras perante o estado da arte, tais como: a culpa, a pressão da família, o medo de não acreditarem na sua história e a ameaça de suicídio da parceira.

Atendendo às razões que os homens referem para si mesmos, existe predominância de comprometimento com a relação (e.g. crença de que o casamento é para a vida) e dependência emocional/psicológica, bem como de características de vitimação de violência na intimidade: o amor pela parceira, a crença de que todas as relações têm problemas e a esperança de mudança comportamental. Da mesma forma, é salientada a crença de que os filhos precisam de ambas as figuras parentais. Estes dados são concordantes com a literatura, independentemente do género e orientação sexual (Cruz, 2003; Estrellado & Loh, 2013; Foong, 2007). Por outro lado, são apontadas razões associadas às normas tradicionais masculinas, tais como: o sentimento de fracasso se abandonasse a relação, o receio de ser percecionado como fraco e a crença de que necessita de ser o elemento forte da relação. Estes dados não são encontrados no estado da arte da temática.

Relativamente às razões que os homens referem para terceiros, são relatadas razões que remetem para a internalização da violência como normal, nomeadamente: a desculpabilização dos comportamentos da parceira e a crença de que todas as relações têm problemas. Por outro lado, são apresentadas razões associadas ao medo: receio das consequências do término e esperança pela mudança comportamental da parceira. Assim, encontram-se similaridades entre as razões de manutenção da relação das mulheres heterossexuais (Estrellado & Loh, 2013) e da comunidade LGBT (Cruz, 2003). Por outro lado, apresentam motivos relacionados com a dependência emocional (e.g. amor), comprometimento com a relação (e.g. crença de que o casamento é para a vida) e crença de que os filhos necessitam de ambos os pais. Analogamente, estes dados são corroborados pela literatura sobre vitimação masculina (Lien & Lorentzen, 2019), feminina (Meyer, 2012) e de sujeitos LGBT (Cruz, 2003). Concluindo, é apresentada uma razão que não consta na literatura (e.g. crença de que necessita de ser o elemento forte da relação) mas que se associa a papéis de género e estereótipos sociais.

A presente revisão sistemática salienta a complexidade das razões de manutenção das relações violentas. Através das razões mencionadas é passível verificar as correspondências com motivações da invisibilidade masculina, nomeadamente pela existência de normas tradicionais masculinas e patriarcais, bem como, de estereótipos sociais (Bates, 2019). O sentimento de fracasso pelo abandono da relação, o receio de ser percecionado como fraco e a crença de que necessita de ser o elemento forte são razões diretamente relacionadas com a masculinização e a perceção social do sexo masculino (McCarrick et al., 2015). Estas razões mencionadas revelam a fomentação social do papel masculino - um individuo independente e

capaz de resolver os seus problemas sem ajuda externa – que contribuem para a manutenção das relações e/ou isolamento da vítima, perpetrando a invisibilidade do fenómeno (Hogan, 2016). Da mesma forma, a razão relacionada com o medo de terceiros não acreditarem na sua história associa-se à resistência institucional referida pelo sexo masculino (Hogan, 2016). Embora seja possível associar algumas razões com especificidades da vivência masculina do fenómeno, o estado da arte não possui informação acerca da relação das mesmas.

Por outro lado, a existência de amostra para a redação da presente revisão sistemática, demonstra que a VI pode ocorrer em ambos os sexos, de acordo com a perspectiva da violência familiar (Hines & Douglas, 2010). Contrariamente à perspectiva feminista, sugere ainda que a VI não se trata exclusivamente de um problema social de vitimação feminina e perpetração masculina (Dobash & Dobash, 2004), mas sim de ambos os sexos nos diferentes papéis das relações violentas.

Concluindo, é patente a necessidade de mais investigação sobre a vitimação masculina, nomeadamente, sobre as razões de permanecerem nas relações violentas. Dadas as disparidades entre as evidências e as principais teorias do fenómeno, bem como, as similaridades quanto ao sexo, é necessária uma abordagem inclusiva. Por outro lado, é necessário equacionar o fenómeno segundo uma lente social, albergando as possíveis relações com os ideais masculinos e os constrangimentos sociais, psicológicos e institucionais característicos da vitimação de homens. Por último, é necessário investir na prevenção primária e secundária da VI, bem como, na formação dos profissionais de primeira linha.

Limitações

Após a análise dos artigos integrados na presente revisão sistemática, é passível salientar limitações dos mesmos. Primeiramente, a seleção da amostra dos estudos foi limitada a dois países e o tamanho das amostras foi reduzido. Os autores apontam que estes dados podem inabilitar a generalização dos resultados. Da mesma forma, os estudos mistos apresentam amostras heterogéneas quanto ao sexo.

Seguidamente, a maioria dos estudos foram realizados por via *online* ou telefónica. Este facto limita o seu acesso, sendo que apenas pessoas com acesso à *internet* ou conhecimento informal do estudo, poderiam realizá-lo. Por outro lado, possibilita a conveniência na constituição da amostra, influenciando a não representatividade da população em estudo. Analogamente, muitos dos estudos apenas consideraram homens que tinham procurado ajuda. Sabendo que existem vítimas que não procuram ajuda formal, este dado reforça a afirmação descrita anteriormente. Por outro lado, a realização de estudos *online*, ou

por telefone, inviabiliza a avaliação da legitimidade dos relatos, bem como, de possíveis enviesamentos (e.g. emocionais) na descrição dos episódios.

Concluindo, a metodologia de avaliação apresenta limitações psicométricas, sendo que dois estudos salientam o uso de questões e escalas elaboradas pelos investigadores, bem como o uso de outros instrumentos que não estão psicometricamente validados.

Limitações da presente revisão

A presente revisão apresenta diversas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente foram incluídos todos os artigos que cumpriam os critérios de inclusão. No entanto, não foi avaliada a qualidade metodológica dos mesmos. Da mesma forma, o número de artigos analisados e as suas amostras são reduzidas. Analogamente, os estudos apresentam heterogeneidade nas características metodológicas e populacionais. Por outro lado, a limitação de escolha de artigos cujo idioma é o inglês, e o facto de apenas informarem sobre dois países, constitui-se como um fator limitador que não permite a averiguação de interferências culturais nos resultados. As limitações mencionadas não permitem a generalização e representatividade dos resultados.

Relativamente à pesquisa dos estudos, esta foi limitada a três bases de dados. Embora tenha ocorrido uma pesquisa manual, considera-se importante a pesquisa em mais bases de dados científicas. Nestas verifica-se um dado que pode ser limitador do estudo do tema: o facto de existirem artigos que mencionam a temática, na sua forma integral, mas não no título ou no resumo. Da mesma forma, muitos dos estudos analisados não referem se existiu violência mútua, mas sim apenas que os homens foram vítimas de violência nas suas relações. Por fim, a maioria dos estudos elegíveis para a revisão sistemática não apresenta informação psicométrica e de validade dos instrumentos utilizados.

Conclusão

Em síntese, os resultados dos artigos integrados na revisão sistemática indicam que as razões para os homens permanecerem nas relações violentas são complexas e variadas, salientando-se a preocupação com os filhos e parentalidade, o medo de perder o contacto com estes, o comprometimento com a relação e a dependência emocional/psicológica. Os resultados enunciados equiparam-se aos apresentados pela comunidade LGBT e por mulheres vítimas em relações heterossexuais.

Apesar de existirem especificidades e razões relacionadas com as normas tradicionais e patriarcais masculinas, um número considerável de razões assemelham-se às apresentadas por mulheres heterossexuais e pela comunidade LGBT. Concluindo, a investigação futura

deve focar-se nas vivências dos homens vítimas, de forma a combater a sua invisibilidade, mas também de formar técnicos especializados nesta temática. É necessária a adequação das práticas interventivas e do acompanhamento psicológico prestado que, até à data, baseia-se maioritariamente em evidência científica sobre vítimas femininas. Por outro lado, a consciencialização para a problemática deve expandir-se da comunidade científica e devem ser elaborados projetos de prevenção e sessões explicativas que contribuam para desmistificar mitos e envolver a sociedade positivamente. Posteriormente, através da consciencialização social é necessário que existam mudanças de políticas públicas e judiciais, bem como formação para os profissionais da justiça.

References

- Andrasik, M., Valentine, S., & Pantalone, D. (2013). "Sometimes You Just Have to Have a Lot of Bitter to Make It Sweet": Substance Abuse and Partner Abuse in the Lives of HIV-Positive Men Who Have Sex with Men. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 25, 287-305. doi: 10.1080/10538720.2013.807215
- APAV (2018). *ESTATÍSTICAS APAV – RELATÓRIO ANUAL 2018*. Lisboa, APAV. Retrieved from:
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2018.pdf
- APAV (2019a). *Manual CARE – apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual* (1st edition). Lisboa, APAV. ISBN: 978-972-8852-96-2
- APAV (2019b). *ESTATÍSTICAS APAV - HOMENS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, 2013-2018* (2nd edition). Lisboa, APAV. Retrieved from:
https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_VD_Homens_2013_2018.pdf
- Ashraf, S., Abrar-ul-Haq, M., & Ashraf, S. (2017). Domestic violence against women: Empirical evidence from Pakistan. *Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities*, 25, 1401-1418. ISSN: 0128-7702
- Bates, E. (2016). Current controversies within intimate partner violence: Overlooking bidirectional violence. *Journal of Family Violence*, 31, 937-940. doi: 10.1007/s10896-016-9862-7
- Bates, E. (2019). "No one would ever believe me": An exploration of the impact of intimate partner violence victimization on men. *Psychology of Men & Masculinities, advance online publication*. doi: 10.1037/men0000206
- Berger, J., Douglas, E., & Hines, D. (2016). The mental health of male victims and their children affected by legal and administrative partner aggression. *Aggressive Behavior*, 42, 346-361. doi: 10.1002/ab.21630
- Brogden, M. & Nijhar, S. (2004). *Abuse of adult males in intimate partner relationships in Northern Ireland*. Ireland, Northern Ireland Domestic Violence Forum-NIDVF. Retrieved from:
<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.566.4532&rep=rep1&type=pdf>

- Brooks, M. (2018). *Male victims of domestic and partner abuse 35 key facts*. United Kingdom, ManKind Initiative. Retrieved from: <https://www.mankind.org.uk/wp-content/uploads/2018/03/35-Key-Facts-Male-Victims-March-2018.pdf>
- Capaldi, D., Knoble, N., Shortt, J., & Kim, H. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3, 231-280. doi:10.1891/1946-6560.3.2.231
- Carmo, R., Grams, A., & Magalhães, T. (2011). Men as victims of intimate partner violence. *Journal of forensic and legal medicine*, 18, 355-359. doi: 10.1016/j.jflm.2011.07.006
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., Ioannidi-Kapolo, E. & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: a study in men and women from six European countries. *International Journal of Public Health* 60, 467–478. doi: 10.1007/s00038-015-0663-1
- Cruz, J. (2003). “Why doesn't he just leave?”: Gay male domestic violence and the reasons victims stay. *The Journal of Men's Studies*, 11, 309-323. doi: 10.3149/jms.1103.309
- Dobash, R. & Dobash, R. (2004). Women's violence to men in intimate relationships: Working on a puzzle. *British Journal Criminology*, 44, 324-349. doi: 10.1093/bjc/azh026
- Donato, H. & Donato, M. (2019). Etapas na Condução de uma Revisão Sistemática. *Acta Medica Portuguesa*, 32, 227-235. doi: 10.20344/amp.11923
- Eckstein, J. (2010). Masculinity of men communicating abuse victimization. *Culture, Society and Masculinities*, 2, 62-74. doi: 10.3149/CSM.0201.62
- Eckstein, J. (2019): ‘I’m Strong for Her’ versus ‘I Rely on Him’: male and female victims’ reasons for staying reflect sex-gender connotations. *Journal of Applied Communication Research*, 1-20. doi: 10.1080/00909882.2019.1584403
- Eckstein, J. J. (2010). Reasons for staying in intimately violent relationships: Comparisons of men and women and messages communicated to self and others. *Journal of Family Violence*, 26, 21-30. doi: 10.1007/s10896-010-9338-0
- Edwards, K., Sylaska, K., & Neal, A. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5, 112-121. doi: 10.1037/a0038656
- Estrellado, A. F. & Loh, J. (2014). Factors associated with battered Filipino women's decision to stay in or leave an abusive relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 29, 575-592. doi: 10.1177/0886260513505709

- Flynn, A. & Graham, K. (2010). "Why did it happen?" A review and conceptual framework for research on perpetrators' and victims' explanations for intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 15, 239-251. doi: 10.1016/j.avb.2010.01.002
- Foong, K. (2007). *Silent Victims: Why do battered husbands in Malaysia not come out of the closet?* (Masters Dissertation, University Malaya). Retrieved from: http://studentsrepo.um.edu.my/9467/4/SILENT_VICTIMS_WHY_DO_BATTERED_HUSBANDS_IN.pdf
- Galvão, T., Pansani, T., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24, 335-342. doi: 10.5123/S1679-49742015000200017
- Hines, D. & Douglas, E. (2010). Intimate terrorism by women towards men: Does it exist? *Journal of Aggression Conflict and Peace Research*, 2, 36-56. doi: 10.5042/jacpr.2010.0335
- Hines, D. (2015). Overlooked victims of domestic violence: men. *International Journal for Family Research and Policy*, 1, 57-79. Retrieved from: <https://ijfrp.journals.yorku.ca/index.php/ijfrp/article/view/39581/1761>
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2010). A closer look at men who sustain intimate terrorism by women. *Partner Abuse*, 1, 286-313. doi:10.1891/1946-6560.1.3.286
- Hogan, K. (2020). *Men's experiences of female-perpetrated intimate partner violence: A qualitative exploration* (Doctoral Dissertation, University of the West of England). Retrieved from: <https://uwe-repository.worktribe.com/output/919814/mens-experiences-of-female-perpetrated-intimate-partner-violence-a-qualitative-exploration>
- Johnson, M. (2017). A personal social history of a typology of intimate partner violence. *Journal of Family Theory & Review*, 9, 150-164. doi: 10.1111/jftr.12187
- Kim, J. & Gray, K. (2008). Leave or stay? Battered women's decision after intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 23, 1465-1482. doi: 10.1177/0886260508314307
- Lien, M. I. & Lorentzen, J. (2019). *Men's Experiences of Violence in Intimate Relationships*. Suíça: Springer. ISBN: 978-3-030-03993-6
- Lindgren, M. & Renck, B. (2008) Intimate partner violence and the leaving process: Interviews with abused women. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, 3, 113-124, doi: 10.1080/17482620801945805

- Machado, A. (2016). *Intimate partner violence against men: From characteristics to their meanings* (Doctoral Dissertations, Minho University). Retrieved from: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42585/1/Andreia%20Patr%c3%adcia%20Guimar%c3%a3es%20Machado.pdf>
- Machado, A., & Matos, M. (2012). Victimization against men in intimacy. Psychometric test not validated.
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2018). Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men. *Violence and victims*, 33, 157-175. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-16-00095
- McCarrick, J., Davis-McCabe, C., & Hirst-Winthrop, S. (2015). *Men's experiences of the UK Criminal Justice System following female-perpetrated intimate partner violence* (Masters Dissertation, Teesside University). Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/277710091_McCarrick_JA_Davis-McCabe_C_Hirst-Winthrop_S_2015_Men's_experiences_of_the_UK_Criminal_Justice_System_following_female-perpetrated_intimate_partner_violence_Journal_of_Family_Violence_311
- McHugh, M., & Frieze, I. (2006). Intimate partner violence: New directions. *Annals-new York Academy of Sciences*, 1087, 121-141. doi: 10.1196/annals.1385.011
- McPhail, B., Busch, N., Kulkarni, & Rice, G. (2007). An integrative feminist model: The evolving feminist perspective on intimate partner violence. *Violence Against Women*, 13, 817-841. doi: 10.1177/1077801207302039
- Meyer, S. (2012). Why women stay: A theoretical examination of rational choice and moral reasoning in the context of intimate partner violence. *Australian & New Zealand Journal of Criminology*, 45, 179-193. doi: 10.1177/0004865812443677
- Migliaccio, T. A. (2002). Abused husbands: A narrative analysis. *Journal of Family issues*, 23, 26-52. doi: 10.1177/0192513X02023001002
- Onafuwa, O. (2011). *What Are The Barriers To Recognising and Responding to Male Victims of Domestic Violence In Ireland?* (Doctoral Dissertation, Dublin Institute of Technology). Retrieved from: <http://www.mensgroups.ie/Research/olafinalproject.pdf>

- Pagelow, M. D. (1983). The 'Battered Husband Syndrome': Social problem or much ado about little?. *The Sociological Review*, 31, 172-195. doi: 10.1111/j.1467-954X.1983.tb00102.x
- Paiva & Figueiredo (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 8. Retrieved from: <https://fdocumentos.tips/document/versao-portuguesa-das-escalas-de-taticas-de-conflito-versao-tencia.html>
- Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) (2018). Sistema de Segurança Interna. Gabinete do Secretário-Geral. Retrieved from: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=ad5cfe37-0d52-412e-83fb-7f098448dba7>
- Rohrbaugh, J. (2006). Domestic violence in same-gender relationships. *Family Court Review*, 44, 287-299. doi: 10.1111/j.1744-1617.2006.00086.x
- Shorey, R., Cornelius, T., & Bell, K. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 185–194. doi: 10.1016/j.avb.2008.03.003
- Sirriyeh, R., Lawton, R., Gardner, P., & Armitage, G. (2012). Reviewing studies with diverse designs: the development and evaluation of a new tool. *Journal of Evaluation in Clinical Practice*, 18, 746-752. doi: 10.1111/j.1365-2753.2011.01662.x
- Stockman, J., Hayashi, H., & Campbell, J. (2015). Intimate partner violence and its health impact on ethnic minority women. *Journal of Women's Health*, 24, 62-79. doi: 10.1089/jwh.2014.4879
- Straus, M., Hamby, S., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283–316. doi: 10.1177/019251396017003001
- Sullivan, T., McPartland, T., Armeli, S., Jaquier, V., & Tennen, H. (2012). Is it the exception or the rule? Daily co-occurrence of physical, sexual, and psychological partner violence in a 90-day study of substance-using, community women. *Psychology of Violence*, 2, 154. doi: 10.1037/a0027106
- Truman, J. L. & Morgan, R. E. (2014). NONFATAL DOMESTIC VIOLENCE, 2003-2012. *Journal of Current Issues in Crime, Law & Law Enforcement*, 8, 535-564. Retrieved from: <https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/ndv0312.pdf>

Apêndice I

Tabela 1. Avaliação da qualidade

Item	Artigos					
	Eckstein (2010)	Eckstein (2019)	Hines & Douglas (2010)	Hines (2015)	Machado, Hines & Matos (2018)	Migliaccio (2002)
1	3	3	3	3	3	3
2	3	3	3	3	3	1
3	3	3	3	3	3	3
4	1	1	2	1	2	1
5	2	3	3	3	3	2
6	3	2	3	3	3	3
7	1	2	3	3	3	2
8	3	3	3	3	3	3
9	-	1	3	1	3	-
10	-	3	2	3	2	-
11	0	-	1	-	-	0
12	0	3	3	3	3	0
13	2	2	2	1	2	1
14	3	-	0	-	-	0
15	0	0	0	0	0	0
16	2	3	2	3	2	3
Resultado	26/42	32/42	36/48	33/42	35/42	22/42
Porcentagem	62%	76%	75%	79%	83%	52%

Nota. QATSDD = Quality Assessment Tool for Studies with Diverse Designs (Sirriyeh, Lawton, Gardner & Armitage, 2011). Descrição dos itens: 1= Quadro teórico explícito; 2= Exposição de objetivos no corpo principal do relatório; 3= Descrição clara do *setting* de pesquisa; 4= Evidência da consideração do tamanho da amostra; 5= Amostra representativa da população alvo; 6= Descrição do procedimento de recolha de dados; 7= Fundamentação da escolha de instrumentos de recolha de dados; 8= Informação detalhada sobre a recolha de dados; 9= Avaliação estatística de validade e fiabilidade dos instrumentos (apenas estudos quantitativos); 10= Concordância entre a pergunta de pesquisa e o método de recolha de dados (apenas estudos quantitativos); 11= Concordância entre a questão de investigação e o formato e conteúdo do instrumento de recolha de dados e.g. guião de entrevista (apenas estudos qualitativos); 12= Concordância entre a questão de investigação e o método de análise; 13= Justificação da seleção do método analítico; 14= Avaliação da confiabilidade do processo analítico (apenas estudos qualitativos); 15= Evidência do envolvimento no design; 16= Forças e limitações discutidas criticamente.